

PARTE 1

ESPAÑHOL



Victoria de Santa Cruz nació en Lima, Perú, en 1922 y vivió hasta los 91 años. Fue un exponente del arte peruano; ella era compositora, coreógrafa y dibujante. Su trabajo destaca el arte africano peruano y la lucha contra el racismo. Comenzó su carrera en el escenario con el grupo de danza y teatro Cumanana en 1958, con su hermano menor Nicomedes Santa Cruz Gamarra, famoso poeta. En 1961, viajó a París para estudiar en la Universidad del Teatro de las Naciones y en la Escuela de Estudios Coreográficos. Cuando regresó a Lima, Victoria fundó la compañía Teatro e Danças Negras de Perú, que actuó en innumerables teatros y en televisión. Se la considera importante para el renacimiento de la cultura afroperuana en los años sesenta y setenta y su trabajo es fundamental para discutir las identidades negras en las sociedades latinoamericanas, especialmente en Perú.

Referências:

<https://www.almapreta.com/editorias/realidade/gritaram-me-negra-a-vida-e-a-arte-de-victoria-santa-cruz>

<https://www.geledes.org.br/gritaron-negra-poeta-victoria-santa-cruz/>

ME GRITARON NEGRA Victoria Santa Cruz

Tenía siete años apenas,
apenas siete años,
¡Que siete años!
¡No llegaba a cinco
siquiera!

De pronto unas voces en
la calle
me gritaron ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra!

“¿Soy acaso negra?” –
me dije ¡Sí!
“¿Qué cosa es ser
negra?” ¡Negra!
Y yo no sabía la triste
verdad que aquello
escondía. Negra!
Y me sentí negra,
¡Negra!
Como ellos decían
¡Negra!
Y retrocedí ¡Negra!
Como ellos querían
¡Negra!
Y odié mis cabellos y mis
labios gruesos
y miré apenada mi carne
tostada
Y retrocedí ¡Negra!
Y retrocedí...
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra!
¡Negra! ¡Negra!
¡Neeegra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra!

Y pasaba el tiempo,
y siempre amargada
Seguía llevando a mi
espalda
mi pesada carga

¡Y cómo pesaba! ...
Me alacé el cabello,
me polveé la cara,
y entre mis cabellos
siempre resonaba
la misma palabra
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra!
¡Negra! ¡Negra!
¡Neeegra!
Hasta que un día que
retrocedía,
retrocedía y que iba a
caer
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¿Y qué?

¿Y qué? ¡Negra!
Sí ¡Negra!
Soy ¡Negra!
Negra ¡Negra!
Negra soy

¡Negra! Sí
¡Negra! Soy
¡Negra! Negra
¡Negra! Negra soy
De hoy en adelante no
quiero

lacia mi cabello
No quiero
Y voy a reírme de
aquellos,
que por evitar – según
ellos –
que por evitarnos algún
sinsabor
Llaman a los negros
gente de color
¡Y de qué color! NEGRO
¡Y qué lindo suena!
NEGRO
¡Y qué ritmo tiene!
NEGRO NEGRO
NEGRO
Al fin
Al fin comprendí AL FIN
Ya no retrocedo AL FIN
Y avanzo segura AL FIN
Avanzo y espero AL FIN
Y bendigo al cielo porque
quiso Dios
que negro azabache
fuese mi color
Y ya comprendí AL FIN
Ya tengo la llave
NEGRO NEGRO
¡Negra soy!

ME GRITARON NEGRA | Victoria Santa Cruz
<https://www.youtube.com/watch?v=RIjSb7AyPc0>

[LIBRAS] ME GRITARAM NEGRA | Victoria Santa Cruz
<https://www.youtube.com/watch?v=ocbq9JMNE5Q>

QUESTÃO 01

O poema *Me Gritaron Negra* de Victoria Santa Cruz é uma bandeira contra o racismo. Leia o poema e/ou assista ao vídeo. Em um contexto geral, qual alternativa melhor descreve o poema?

- a) Ela demonstra uma incerteza sobre o que é ser negra e traz uma variedade de significados sobre esta questão, mas suas reflexões não a levam a uma conclusão.
- b) É o relato de uma experiência pessoal onde ela explica porque não gosta dos próprios cabelos e dos lábios, explorando sua relação com a palavra “negra”.
- c) Fala sobre uma situação de racismo que faz pessoas negras interiorizar uma autoimagem que nega sua autoestima, mas traz também uma mensagem de valorização da imagem das pessoas negras.
- d) O poema é apenas um estudo sobre a sonoridade da palavra NEGRA.
- e) O poema trata de uma questão muito específica que não é conhecida por muitas pessoas negras, o que torna difícil uma possível identificação com o que a artista quer passar.

QUESTÃO 02

Analise os dois trechos retirados do poema e assinale a alternativa que traz a melhor análise:

<p>“¿Soy acaso negra?” – me dije ¡Sí! “¿Qué cosa es ser negra?” ¡Negra! Y yo no sabía la triste verdad que aquello escondía. Negra! Y me sentí negra, ¡Negra! Como ellos decían ¡Negra! Y retrocedí ¡Negra! Como ellos querían ¡Negra! Y odié mis cabellos y mis labios gruesos y miré apenada mi carne tostada Y retrocedí ¡Negra! Y retrocedí...</p>	<p>¡Negra! Sí ¡Negra! Soy ¡Negra! Negra ¡Negra! Negra soy De hoy en adelante no quiero lacia mi cabello No quiero Y voy a reírme de aquellos, que por evitar – según ellos – que por evitarnos algún sinsabor Llamam a los negros gente de color ¡Y de qué color! NEGRO ¡Y qué lindo suena! NEGRO</p>
--	---

- a) A palavra “negra” vem como um reconhecimento de cor, mas não está relacionada com questões étnicas.
- b) A palavra “negra” começa como um insulto e se transforma em afirmação de valorização da identidade e da imagem de pessoas negras.
- c) A palavra “negra” tem a mesma sonoridade em português, mas tem um significado totalmente diferente.
- d) A palavra “negra” não tem importância significativa para a compreensão do poema.
- e) A palavra “negra” é aqui analisada apenas pela sua sonoridade e traz significados fonéticos apenas nas duas partes apresentadas.

PARTE 2

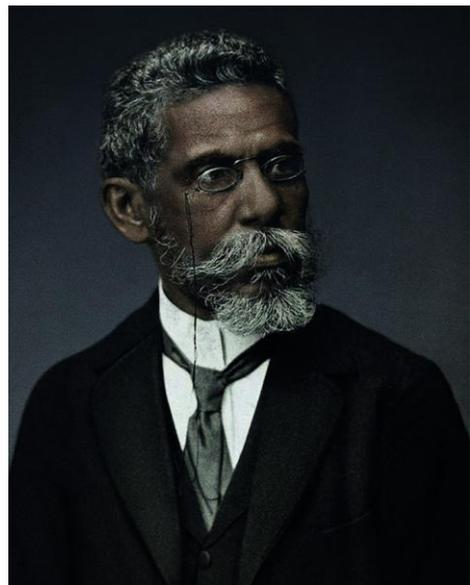
LITERATURA

Literatura - Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas e Quincas Borba.

Texto 1

Filho do pintor Francisco José de Assis e da lavadeira Maria Leopoldina Machado de Assis, Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839 no Rio de Janeiro. Neto por parte de pai de ex-escravizados alforriados, o escritor teve uma infância humilde no Morro do Livramento, periferia da capital fluminense, e não frequentou universidade.

Começou sua carreira na imprensa carioca; em 1858, era revisor e colaborador no Correio Mercantil e, em 1860, passou a atuar na redação do Diário do



Rio de Janeiro. Ganhou notoriedade, porém, com sua literatura em prosa. O uso de ironia e humor ácido, além de interrupções narrativas e constantes conversas com o

leitor, são algumas das marcas de seu estilo narrativo, que se consagraram em produções como “Dom Casmurro” (1899) e “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881). O autor foi fundador e ocupou por mais de dez anos a presidência da Academia Brasileira de Letras. Suas obras exploram criticamente questões da sociedade fluminense durante a transição histórica entre monarquia e a República. O posicionamento do autor em relação à escravidão e questões raciais, no entanto, não é consenso entre pesquisadores, mas em muitos momentos apareceu como abolicionista.

In:<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2019/05/02/Esta-universidade-coloriu-uma-foto-de-Machado-de-Assis> acessado em 28 de junho de 2020.

Texto 02

Memórias Póstumas de Brás Cubas - 1880 - Realismo brasileiro

Enredo

Brás Cubas nasceu em uma família rica e proprietária, o que lhe possibilitou nunca precisar “*comprar o pão com o suor do seu rosto*”. Na infância, foi um menino “*endiabrado*”. Protegido pela conivência paternal, maltratava os escravos, aprontava com as visitas e desrespeitava os adultos. Na adolescência, envolveu-se com uma prostituta que o explorou por vários meses, mas que ele, em sua narrativa, resume na famosa frase: “*Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis*”. Foi mandado pelo pai à Europa para estudar e esquecer **Marcela**. Nunca levou os estudos a sério. De volta ao Brasil, conheceu **Eugênia**, moça bonita e romântica, filha de uma amiga da sua mãe. **Brás Cubas** lembra de que, quando criança, flagrara, durante uma festa na casa do pai, a mãe de **Eugênia** beijando um homem casado atrás de uma moita. Como Eugênia não tinha pai declarado, dá-lhe o apelido irônico de “*flor-da-moita*”. Mesmo sabendo que o pai jamais permitiria que ele se casasse com uma moça pobre e filha de mãe solteira, seduz **Eugênia** e chega a conquistar um beijo dela. Porém, quando descobre que ela é “*coxa de nascença*”, ou seja, possui uma perna mais curta que a outra, foge, apavorado com a ideia de passar pelo ridículo de casar com uma mulher coxa. O Pai de Brás Cubas tem o sonho de vê-lo exercendo o cargo

de ministro. Para isso, arranja-lhe como noiva **Virgília**, filha de um figurão da sociedade que facilitará a carreira política do genro. Brás Cubas mostra-se, no entanto, tão apático e incompetente, que acaba perdendo “a noiva e o cargo” para **Lobo Neves**, um homem arrojado que ele próprio compara com uma águia. Algum tempo depois, Brás Cubas reencontra **Virgília**, já casada com Lobo Neves. Desse encontro nasce uma paixão e os dois viram amantes. **Virgília** é uma mulher ambiciosa e não pretende abrir mão do prestígio social que seu marido lhe proporciona. Assim, durante anos, eles vivem um amor adúltero, que só acaba quando Lobo Neves é nomeado governador de uma província e **Virgília** muda-se para longe do Rio de Janeiro. **Brás Cubas** vai envelhecendo solitário. Com a ajuda da irmã, ainda faz uma última tentativa de casar-se e ter filhos. Fica noivo de **Eulália**, moça pobre e sobrinha do cunhado Cotrim. A moça, porém, adoece e morre antes do casamento. Assim, Brás Cubas chega ao final da vida sem ter constituído uma família, sem filhos que dessem prosseguimento ao seu nome e sem ter produzido absolutamente nada que fizesse as pessoas lembrarem dele após a morte. No último capítulo, ironiza seus fracassos.

“E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”.

QUESTÃO 01

Considere os dois textos sobre a obra Memórias Póstumas de Brás Cubas e responda.

“...duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço”

In: ASSIS, Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas. Cap.01 Óbito do Autor.

“A estridência, os artifícios numerosos e a vontade de chamar atenção dominam o começo das Memórias Póstumas de Brás (1880). O tom é de abuso deliberado, a começar pelo contra-senso do título, já que os mortos não escrevem. A dedicatória

saudosa “ao verme que primeiro roeu as frias carnes de meu cadáver”, arranjada em forma de epitáfio, é outro respeito”.

In: SCHWARZ, Roberto. Um mestre na periferia do capitalismo, Machado de Assis. 6ª reimpressão. editora 34. 4 edição. 2000. p.17

- (1) Machado de Assis é um homem negro de origem humilde, que em determinado momento da vida teve uma posição de abolicionista. Foi e é o nome mais importante da literatura brasileira, ascendeu em todos os sentidos na sociedade intelectual.
- (2) O narrador em primeira pessoa de Memórias Póstumas de Brás Cubas, ao enunciar ser um autor-defunto já enuncia o tom fúnebre, melancólico e escapista do livro.
- (3) “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”. Ao dizer que não transmitiu o legado, o narrador afirma a inutilidade dos humanos. A miséria é a própria sociedade, por isso o narrador não usa de ironias, mas sim de um humor direto e sem contrasensos.
- (4) O narrador de Memórias Póstumas não é um autor-defunto, é justamente o contrário, antes um morto do que um autor, é um defunto-autor.

- a) 2 e 3 são verdadeiras.
- b) 1, 2, 3 são verdadeiras.
- c) 1 e 4 são verdadeiras.
- d) Todas as alternativas são verdadeiras.

Texto 03

Quincas Borba, Memórias Póstumas de Brás Cubas

Na escola, **Brás Cubas** era amigo de **Quincas Borbas**, que aparecerá no futuro defendendo o **humanitismo**, um tipo de misto da teoria darwinista com o borbismo: “Aos vencedores, as batatas”, ou seja: *Só os mais fortes e aptos devem sobreviver*. Brás acreditou até o fim nessa filosofia fictícia. Desse modo, Machado de Assis coloca Quincas na história de Brás, mais tarde, o livro **Quincas Borba** é escrito gradativamente em folhetins de 1886 à 1891. Em 1892, foi enfim publicado em forma de livro. A história se passa em volta do Pedro Rubião de Alvarenga discípulo de Quincas Borba, e de sua filosofia.

Texto 04

Entre as influências filosóficas sofridas por Machado de Assis, é evidente a de Arthur Schopenhauer. Por meio de um sistema filosófico – o Humanitismo – posto na boca de um louco, o autor de Quincas Borba satiriza a ideia da existência do “melhor mundo possível” e penetra no pensamento do filósofo alemão, que acreditava que “o universo é vontade, cega, obscura e irracional vontade de viver” (Merquior: 1977, 171). Segundo Schopenhauer, o mundo é mera representação. Nessa há dois pólos inseparáveis: O objeto que se dá no tempo e no espaço; e o sujeito que se constitui a partir da consciência do mundo. Para o filósofo alemão, o homem consciente de si percebe que é constituído pela vontade, formada por seus interesses e paixões. A vontade seria a coisa-em-si.

QUESTÃO 02

Quincas Borba - Capítulo VI

“- Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se

as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais feitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

- Mas a opinião do exterminado?

- Não há exterminado. Desaparece o fenômeno; a substância é a mesma. Nunca viste ferver água? Hás de lembrar-te que as bolhas fazem-se e desfazem-se de contínuo, e tudo fica na mesma água. Os indivíduos são essas bolhas transitórias”.

Levando em consideração o trecho sobre a explicação da filosofia para o personagem Rubião, e os textos 3 e 4 responda sobre o que não corresponde a filosofia fictícia do **humanitismo**.

- a. A vontade, segundo Schopenhauer, não é uma manifestação racional. Na verdade, é uma manifestação impulsiva que visa a preservação da espécie. Assim, como o humanitismo.
- b. “Só os *mais fortes e aptos devem sobreviver*”, segundo essa teoria o humanitismo indica que os homens fortes são superiores aos mais fracos.
- c. O humanitismo, pensando no capítulo VI, é também associado ao darwinismo (seleção natural). Contudo, não há apologia à guerra ou ao conflito por se tratar de uma filosofia humanista.
- d. No capítulo VI, a história das tribos famintas enfatiza a noção de meritocracia, isto é, só quem for por seus próprios méritos capaz conseguirá o campo de batatas. Não há a ideia de divisão igualitária.

Indicações

Caso da fotografia, embranquecimento de Machado de Assis, in:
nexojournal.com.br/expresso/2019/05/02/Esta-universidade-coloriu-uma-foto-deMachado-de-Assis

Livro na íntegra, Memórias de Brás Cubas, in:
ebooksbrasil.org/eLibris/brascubas.html

Sobre Quincas Borba e a sua filosofia, in:
revistaacademicaonline.com/products/teoria-do-humanitas-analise-da-obra-quincas-borba-de-machado-de-assis/